

## Notas sobre o estatuto da palavra-tema no anagrama saussuriano

**Glória Maria Monteiro de Carvalho**<sup>1</sup>

Universidade Católica de Pernambuco, Unicap, Recife, PE, Brasil

**Maria de Fátima Vilar de Melo**<sup>2</sup>

Universidade Católica de Pernambuco, Unicap, Recife, PE, Brasil

**Robson Anselmo Tavares de Melo**<sup>3</sup>

Universidade Católica de Pernambuco, Unicap, Recife, PE, Brasil

**Resumo:** Os estudos de Saussure relativos à linguagem humana contemplam questões de natureza diferente, compreendida, às vezes, como paradoxais. Dos seus estudos, apenas o Curso de Linguística Geral foi amplamente divulgado e reconhecido; os demais estudos permanecem pouco conhecidos ou, até mesmo, ignorados. Dentre esses, figuram os estudos referentes ao fenômeno anagramático descoberto por Saussure em versos saturninos, homéricos, latinos, Vedas etc. Dada a importância dessas questões que eles suscitam no tocante a pontos cruciais do pensamento desse autor, este artigo consiste numa tentativa de abordar o estatuto da palavra-tema na teoria saussuriana do anagrama, colocando em discussão sua condição de substância. Nessa perspectiva, recorreremos à concepção de palavra-coisa, na poesia concreta brasileira, apenas a título de ilustração, com o objetivo de lançar um pouco de luz sobre a complexa questão implicada no estatuto da palavra-tema.

**Palavras-chave:** Palavra-tema; Anagrama; Poesia concreta; Substância; Figura vocal.

**Title:** Notes on the status of the theme word in the Saussurian anagram

**Abstract:** Saussure's studies of human language contemplate different types of issues, sometimes understood as paradoxical. Of his studies, only the Course in General Linguistics has been widely published and recognized, his other studies are still not well known or are even ignored. Among the latter, are the studies on the anagrammatic phenomenon discovered by Saussure in Latin Saturnian, Homeric, Vedas, and so forth. Given the importance of the issues raised by them regarding crucial points in the author's thinking, this article consists of an attempt to approach the status of the theme-word in Saussure's theory of the anagram, putting its condition of substance into question. From this perspective, we resort to the concept of thing-word, in Brazilian concrete poetry, just by way of

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0595-1764>. E-mail: [gloria.carvalho@unicap.br](mailto:gloria.carvalho@unicap.br).

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2187-9945>. E-mail: [fatima.vilar@unicap.br](mailto:fatima.vilar@unicap.br).

<sup>3</sup> Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3789-4250>. E-mail: [robsonportilit@gmail.com](mailto:robsonportilit@gmail.com).

illustration, with the aim of shedding some light on the complex issue involved in the status of the theme-word.

**Keywords:** Theme word; Anagram; Concrete poetry; Substance; Vocal figure.

## Introdução

Os estudos sobre os anagramas de Saussure foram citados por Godel (1957) mas somente começaram a ser conhecidos a partir dos artigos de Starobinski, ao longo dos anos de 1960, que depois foram reunidos no livro intitulado *Palavras sob*. Note-se que, para o linguista genebrino, o anagrama não se restringe a gêneros específicos de poesia nem a uma época específica. Também não se limita à poesia, englobando igualmente a prosa ou, ainda, qualquer que seja o texto de qualquer época, de modo que é bastante extenso e diversificado o *corpus* dos estudos anagramáticos, cuja maioria concerne à poesia latina (Starobinski, 1974; Testenoire, 2013).

Esses estudos foram recebidos com bastante reserva no domínio da linguística. Poucos autores reconheceram sua pertinência para os estudos linguísticos, reserva que está, ainda, muito presente em nossos dias. Por sua vez, eles foram recebidos com muito entusiasmo em outros domínios, como a filosofia, a teoria literária, a semiologia, a psicanálise, entre outros. Com efeito, a dimensão desse entusiasmo contrasta com o tamanho reduzido do *corpus* editado, tendo o enorme entusiasmo cedido lugar a uma espécie de esquecimento, como destaca Testenoire (2013). Mais recentemente, esse tema voltou a interessar aos autores, verificando-se uma multiplicação de estudos, embora estes não sejam, ainda, numerosos (Arrivé, 2007; Bravo, 2011; Testenoire, 2013, 2018, 2019; entre outros).

Interpelados por esses trabalhos, propomos, neste artigo, abordar a palavra-tema nos anagramas saussurianos, indagando sobre seu estatuto, o que implica discutir sua dimensão de substância, e diferenciando-a do signo linguístico, conforme a concepção saussuriana. Para realizar essa proposta, recorreremos, além de Saussure, a alguns autores, sobretudo a Wunderli (2004), Milner (2012 [1978]) e Testenoire (2013, 2019). Além disso, lançaremos mão da poesia concreta brasileira, cuja composição é anagramática, conforme veremos. Importa realçar que o recurso a tal gênero de poesia servirá apenas como ilustração, na tentativa de lançar um pouco de luz sobre algumas questões colocadas nesta discussão, considerando a complexidade que envolve o estatuto da palavra-tema nos anagramas saussurianos.

Convém notar que o realce atribuído à dimensão de substância, de coisa – conforme afirma Milner (2012) – do anagrama saussuriano e, em particular, da palavra-tema não é tratado de modo pacífico; ao contrário, dá lugar a uma polêmica. Não podemos, portanto, minimizar a complexidade que está implicada nessa questão, ou melhor, temos que reconhecer os paradoxos com os quais devemos nos confrontar ao colocá-la em discussão.

Wunderli (2004) postula que se trata de duas dimensões diferentes: a da poesia e a da língua. Concebe, então, a palavra-tema como substância, uma vez que, para ele, o

anagrama não é um fenômeno linguístico, mas um fenômeno poético, sendo justamente isso o que permitiu a Saussure incluir aspectos substanciais em sua teoria do anagrama, a saber: fonemas e grupos de fonemas. Ao longo deste artigo, esse ponto será objeto de discussão, para a qual lançaremos mão de argumentos formulados por Jakobson (1971).

Nessa perspectiva, Testenoire, em seu artigo de 2019 intitulado *Les anagrammes de Saussure après un demi-siècle*, escreve: “Todo o aparelho metodológico presente nos cadernos de anagramas – complexo, manequim, entorno, tópico, polissilabismo etc – procura evidenciar a figura ‘vocal’ da palavra-tema e, notadamente, suas fronteiras iniciais e finais, no texto poético” (p. 267, tradução nossa). Importa destacar, nesse fragmento citado, a expressão “figura ‘vocal’ da palavra-tema”, que será tratada mais adiante.

Milner (2012), por sua vez, baseando-se na perspectiva psicanalítica lacaniana, leva a discussão um pouco mais longe quando expõe sua concepção de palavra-tema como *coisa do mundo*, afirmando: “o nome em anagrama funciona como um ‘sentido’ e não como um significado. É enquanto coisa no mundo – e não como elemento de uma língua – que ele é a designação global de todo o verso” (p. 82).

Apelamos, por conseguinte, à concepção de *palavra-coisa* na poesia concreta brasileira, sobretudo nos trabalhos de Campos, H., Campos, A. e Pignatari (1987). De acordo com o que foi colocado antes, é necessário notar que recorrer a esses autores não implica a pretensão de realizar um confronto entre os dois tipos de manifestação poética, respeitando, conseqüentemente, a heterogeneidade que existe entre eles. Propomos, então, que o aspecto da palavra aqui recortado – isto é, sua dimensão de coisa – aproxima e, ao mesmo tempo, afasta o anagrama saussuriano e a poesia concreta.

Antes, porém, de cercarmos a proposta anunciada, parece-nos necessária uma rápida abordagem da noção de palavra-coisa na poesia concreta e no anagrama saussuriano, com o propósito de esboçar a especificidade de cada um desses fenômenos poéticos.

Na poesia concreta, Campos, A. (1987) destaca a forte recusa a absorver a palavra como mero veículo indiferente, rompendo o “velho alicerce formal e silogístico discursivo” (p. 50), sendo o núcleo poético posto em evidência não mais pelo encadeamento sucessivo e linear de versos, mas por um sistema de relações entre quaisquer partes do poema. Assim, as relações grafo-fonético-espaciais – fatores de proximidade e de similaridade – criam uma totalidade sensível *verbivocovisual*. Trata-se, portanto, segundo o autor, de uma arte que não apresenta o objeto, mas que o presentifica. Como consequência, a palavra é concebida como objeto presentificado, possuindo, portanto, o caráter de *coisa no mundo*. Assim, nas palavras de Campos, H. (1987a), o poema concreto consiste numa “composição de elementos básicos da linguagem, organizados ótico-acusticamente no espaço gráfico por fatores de proximidade e semelhança [...], visando à apresentação direta – presentificação – do objeto” (p. 53-54).

No que concerne ao anagrama saussuriano, sabe-se que este contém traços específicos que o distinguem claramente do anagrama tradicional. Para Testenoire (2010, p. 321, tradução nossa), o fenômeno descoberto por Saussure corresponde a uma “difração

em um dado espaço textual, chamado ‘complexo’, da matéria fônica de um nome que, na prática dos cadernos, se mostra quase sempre um nome próprio”. O linguista descreve três traços do anagrama saussuriano que considera determinantes para distingui-lo do anagrama tradicional:

- 1) o anagrama saussuriano concerne a sílabas e não a letras.
- 2) o anagrama saussuriano é oral. Essa característica se explica pela característica anteriormente citada, a dimensão silábica. Trata-se, portanto, de um fenômeno cuja fonte é fonética e não gráfica.
- 3) o último traço diz respeito à palavra anagramatizada e à função que ela desempenha no anagrama. O anagrama não obedece à ideia de que os textos teriam um sentido velado. Assim, não se trataria de uma leitura “críptica” da obra. As palavras que são anagramatizadas, frequentemente, já estão contidas no verso.

Antes de abordarmos o tópico seguinte, não poderíamos deixar de realçar a dificuldade que envolve duas questões implicadas na pesquisa anagramática saussuriana: a questão terminológica e a da delimitação da unidade de análise. A primeira diz respeito à instabilidade terminológica ou, conforme Testenoire (2009), à grande variedade de terminologia, à medida que as mudanças descobertas nos fenômenos pesquisados no poema vêm acompanhadas de uma tentativa de Saussure de redefinição desses fenômenos. Nessa perspectiva, aquele autor afirma que a dificuldade do genebrino de conceber um termo apropriado revela as incessantes interrogações e que as mudanças terminológicas mais interessantes “concernem aos elementos constitutivos do anagramas” (Testenoire, 2009, p. 2, tradução nossa). Desse modo, “a denominação dos elementos que contribuem à imitação da palavra-tema é bastante flutuante” (2009, p. 2, tradução nossa).

#### *Valor linguístico e anagrama em Saussure*

Lembremos que a afirmação saussuriana “a língua é uma forma e não uma substância” é largamente citada, evocando a noção indispensável de relação entre entidades linguísticas, uma vez que não atingimos o signo diretamente, mas através de suas relações diferenciais: “[...] é precisamente porque os termos a e b são radicalmente incapazes de chegar, como tais, até as regiões da consciência – a qual não percebe perpetuamente mais que a diferença a/b [...]” (Saussure, 1989, p. 137). Nessa linha de pensamento, a noção de valor como relação diferencial negativa e opositiva se reveste de fundamental importância para o conceito saussuriano de língua, sendo incontornavelmente aplicada às entidades linguísticas em todos os níveis: “Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias [...]” (1989, p. 139).

Saussure (1989) põe em evidência a radicalidade atribuída à relação diferencial no que diz respeito à língua concebida como sistema quando afirma que, na língua, há somente diferenças sem termos positivos:

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (Saussure, 1989, p. 136).

Para esse autor, os princípios de base – formulados em sua radicalidade, para que se possa falar em língua – consistem na relação diferencial/de oposição entre as entidades linguísticas e a relação arbitrária entre significante e significado.

No que concerne aos dois princípios fundamentais para que se possa falar de língua como sistema – o diferencial e o arbitrário –, Milner (2012, p. 87) afirma que

- o anagrama não é diferencial: cada um dos anagramas repousa sobre determinado nome cujos fonemas ele redistribui [...]. [Esse nome] não é tratado a partir daquilo que ele tem de diferencial: ele tem uma identidade própria, um Si, que não é extraído da rede de oposições na qual a linguística iria apreendê-lo;
- o anagrama não é contingente nem arbitrário: sua função consiste em impor uma necessidade aos fonemas do verso, livrando-os do acaso que marca as unidades lexicais.

Destacamos a relação diferencial entre as entidades linguísticas a fim de abordar a ruptura dos anagramas com os princípios básicos da língua. É necessário, então, pôr em realce que a palavra-tema, por sua condição particular de palavra reconstituída com o material fônico fornecido pelas palavras do verso, requer que o foco da análise seja lançado sobre esse material, ou melhor, sobre a relação vertical, no sentido de relação de profundidade – entre o material fônico dessa palavra e o das palavras do verso – como sendo a relação dominante, e não sobre a linearidade fonêmica das palavras ou da palavra-tema. Desse modo, caem para segundo plano tanto a relação entre significantes ou entre significados como a relação arbitrária entre o significante e o significado.

Assim, essa verticalidade/profundidade implica uma motivação que consiste na identidade ou similitude fônica. Por sua vez, a motivação se refere a uma heterogeneidade radical ao valor linguístico à medida que, face aos estudos anagramáticos, não há qualquer meio de se distanciar da relação (em profundidade) de semelhança fônica, a não ser que se trate de outro fenômeno de linguagem e não do anagrama na concepção saussuriana.

Após essas considerações, realçamos o fato de que, na análise anagramática em discussão, as palavras se aproximam por homofonia, ou seja, elas se aproximam pela relação de similitude fônica que prevalece sobre a relação de diferença – conforme colocado anteriormente, do que podemos deduzir que *aproximação* e *similitude* se tornam os princípios fundamentais dessa análise. Dito de outro modo, a aproximação entre a palavra-tema e as palavras do verso não se produz em virtude da relação de diferença, de negação,

de oposição, mas, sobretudo, pela relação (dominante) de similitude fônica entre elas, sem anular sua condição diferencial-sistêmica que nos permite reconhecê-las como palavras de uma dada língua.

Retomando o argumento de Wunderli (2004) que destaca a diferença de níveis (o da língua e o da poesia), convoquemos a formulação jakobsoniana das funções da língua, para a qual o autor lança mão dos fatores do antigo esquema de comunicação. Cada um dos seis fatores desse esquema dá lugar a uma função linguística diferente, sendo que as várias funções mantêm, entre si, uma relação de hierarquia. Desse modo, a estrutura verbal de uma mensagem depende antes de tudo da função predominante (Jakobson, 1971).

No que concerne à função poética, o linguista concebe sua diferença específica em relação às outras funções da língua como sendo a consideração da mensagem como tal, da mensagem nela mesma ou, ainda, a mensagem voltada para si mesma. Importa notar, contudo, que, nessa proposta, as diferentes manifestações linguísticas seriam subconjuntos que se inter-relacionam e mantêm relações com o conjunto que as engloba, isto é, com a língua.

A esse respeito, extraímos de Campos, H. (1970) uma citação que enfoca, nessa concepção jakobsoniana, a dimensão sensível ou substancial da mensagem na poesia: “Sua análise [de Jakobson] da *função poética* da linguagem como aquela voltada para o aspecto sensível, palpável da mensagem, para a configuração ou diagramação desta, é das mais elucidativas jamais feitas sobre o mecanismo da poesia, sua essência mesma” (p. 189).

Segundo a proposta jakobsoniana, na função poética, a equivalência, a semelhança prevalece sobre a diferença. Realçando essa prevalência, o linguista afirma que: “*A função poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação*” (Jakobson, 1971, p. 120).

Como consequência do que foi posto, diríamos que a função poética, em sua especificidade, em sua condição de existência, não deixa de manter relação com o conjunto maior a que pertence, ou seja, com o diferencial das entidades linguísticas que consiste na marca sistêmica da língua. No entanto, já que tal função não atende ao princípio do valor linguístico, mas vai de encontro a esse princípio, assumimos que essa condição de existência da poesia, como manifestação do sistema da língua, somente poderia ser atendida por uma via oposta – pela semelhança –, ou melhor, por uma via que lhe permitisse romper esse diferencial. Nessa perspectiva, portanto, somente poderíamos apreender a semelhança fônica através do diferencial da língua, ou seja, nas rupturas que tal semelhança provocasse nas relações diferenciais. Indagamos, então, se não se trata da condição de que as rupturas no diferencial somente poderiam se mostrar através da dissolução dos limites de entidades linguísticas, à medida que são esses limites que permitem a oposição entre entidades de mesmo nível.

No tocante a isso, recorreremos a Starobinski (1974), que interroga se um difono submetido à anafonia pode ter separados seus dois elementos aparentemente inseparáveis.

Essa questão reenvia a questões elaboradas pelo autor sobre o princípio do dífono nos anagramas:

Pode-se dar TAE por ta + te, isto é, convidar o leitor não mais a uma justaposição na consecutividade, mas a uma média das impressões acústicas fora do tempo? fora da ordem que têm os elementos no tempo? fora da ordem linear que é observada se eu tenho TAE por TA - AE ou TA - E, mas não o é se eu o tenho por ta + te a amalgamar fora do tempo como eu poderia fazê-lo com duas cores simultâneas (Starobinski, 1974, p. 35).

Assim, o mestre genebrino coloca a questão do tempo com relação ao amálgama entre as impressões acústicas de dois dífonos, um amálgama que se produz em um outro ritmo, seguindo um tempo diferente daquele ao qual as palavras estão submetidas no discurso ordinário, quebrando, então, os limites dessas palavras. Nesse ponto, é importante lembrar o que Starobinski (1974, p. 34) assinalou: “Pois, desde que o anagrama, ao invés de se referir ao arranjo espacial das letras, refere-se aos fonemas, a dicção da ‘palavra-tema’ aparece deslocada, submetida a um ritmo diferente daquele dos vocábulos através dos quais se desenvolve o discurso manifesto [...]”. Desse modo, a escuta do anagrama se desenvolve seguindo um outro tempo, isto é, não estamos mais no tempo da consecutividade próprio à linguagem habitual.

Convém observar que, nessa condensação, nesse amálgama anagramático, os limites das palavras do verso são rompidos e sua matéria fônica (ou partes dela) migra(m) e recompõe(m)-se na palavra-tema. Dizendo de outro modo, as fronteiras de palavras do verso parecem ser dissolvidas, à medida que parte do material fônico de cada uma delas se aproxima/se junta ao material fônico (ou a parte dele) de outras palavras do verso, ou seja, migra e recompõe-se na palavra-tema, submetendo-se a um ritmo diferente, como mostra, por exemplo, o seguinte anagrama (Starobinski, 1974, p. 105):

| Urbium simul | Undique pepulit lux umbras .. resides

U----- UL--U-----ULI--- X----- S-----S--ES

Como se pode notar, as sílabas de *Ulixes* são partes do material fônico das palavras que aparecem em uma sequência verbal e que transpõem os limites dessas palavras, aproximando-se para compor a palavra-tema.

Nessa perspectiva, escutamos a dissolução dos limites da palavra-tema à medida que a matéria fônica que a compõe faz parte da constituição das palavras do verso, segundo um ritmo diferente, como fica visível no anagrama acima recortado para ilustração.

Em outras palavras, apreendemos a diluição dos limites da palavra-tema *Ulixes*, ou seja, a ruptura da separação entre seu interior e seu exterior, uma vez que a *dicção* de seus dífonos está simultaneamente no interior e no exterior de seus limites – a *dicção* de seus dífonos se distribui, segundo um outro ritmo, pelas palavras do verso.

É importante indicar, entretanto, que essas rupturas de limites (das palavras do verso ou da palavra-tema) se produzem num tempo simultâneo, através de uma escuta homofônica, podendo ser distinguidas apenas por meio de uma mudança de foco quanto à direção dessa escuta: do verso à palavra-tema ou da palavra-tema ao verso.

Resumindo o que foi posto, destacamos, então, que a análise anagramática, na perspectiva saussuriana, somente se realiza na relação vertical/de profundidade entre o poema e a palavra-tema, na qual as palavras têm suas fronteiras diluídas, aproximando-se, de forma dominante, pela semelhança fônica que inscreve a equivocidade homofônica.

### *Palavra-tema: uma figura vocal?*

Conforme pudemos apreender, nos anagramas – segundo a proposição à qual nos filiamos –, emerge das palavras sua dimensão substancial, fônica, ou melhor, homofônica. Nesse sentido, ancorados na afirmação de Testenoire (2019, p. 269) “[...] figura ‘vocal’ da palavra-tema [...]”, citada no início deste artigo, indagamos se, no caso da palavra-tema, não estaríamos diante da figura vocal, segundo a concepção de Saussure (2004). Para que possamos abordar essa questão, iremos lembrar a noção saussuriana de figura vocal.

Em certas passagens dos *Escritos*, Saussure (2004, p. 21) procura delimitar a figura vocal a partir do confronto com a noção de *forma*<sup>4</sup>, assinalando, então, as diferenças entre elas. Nessas passagens, o autor se aproxima da oposição: figura vocal vs. forma, delimitando o campo em que a primeira se situa: “*Domínio fisiológico-acústico (não linguístico) da figura vocal (que se impõe como igual a si mesma, independentemente de toda língua)*” (p. 28).

Sobre isso, o mestre genebrino sustenta que “Uma sucessão de sons vocais, por exemplo *mer* (*m + e + r*) é talvez uma entidade que regressa ao domínio da fisiologia; ela não é, de jeito nenhum, nesse estado, uma entidade linguística” (2004, p. 23). Nesse caso, portanto, não existe uma entidade linguística que não possa ser dada diretamente pelos sentidos, ou seja, fora da ideia à qual se liga.

Afirma, ainda, Saussure: “É errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro. [...]. Cabe distinguir, na língua, os fenômenos *internos* ou de consciência e os fenômenos *externos*, diretamente detectáveis” (2004, p. 21).

Esses fenômenos externos consistem, então, em figuras vocais *diretamente detectáveis*, ou seja, detectáveis pelos órgãos dos sentidos. Nessa perspectiva, a figura vocal, segundo o autor, interessa ao físico ou ao fisiologista, mas não ao linguista ou ao sujeito falante. Assim:

Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde

---

<sup>4</sup> Ao que tudo indica, Saussure (2004) usa o termo *forma* em lugar de *significante*, que irá ser usado posteriormente.



não existe apenas “o signo” mas, nesse momento, o signo se reduz a uma secessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal (Saussure 2004, p. 24).

A figura vocal ocupa, desse modo, uma posição de exterioridade em relação à língua, enquanto o signo/o significante – e a ideia que lhe é inseparável – somente existe numa relação de diferença com outros signos/significantes, o que consiste no valor linguístico.

Saussure (2004, p. 38) exemplifica a transformação da figura vocal em signo linguístico, conforme a citação seguinte:

Uma figura vocal se torna uma forma a partir do instante crucial em que é introduzida no jogo de signos que se chama língua, da mesma maneira que um *pedaço de pano*, jogado no fundo do navio, se torna um *signal* no instante em que é içado 1º entre outros signos içados no mesmo momento e que contribuem para uma significação; 2º entre cem outros que poderiam ser içados, e cuja lembrança não contribui menos para a [ ].

Antes de ser introduzido no jogo de signos, portanto, o pedaço de pano mantém com outras figuras uma relação identitária, relação de semelhança, levando-se em conta suas qualidades, como, por exemplo, textura e forma.

É necessário destacar que a complexidade implicada na noção saussuriana de figura vocal pode ser indicada pelos paradoxos que a envolvem, um dos quais é formulado por Testenoire (2018) ao abordar a homofonia. O autor sublinha, na proposta saussuriana, a reflexão, no espírito do falante, concebida como condição de existência da homofonia:

Fora da consciência dos sujeitos não há para Saussure, homofonia; somente a identidade de duas sequências de sons. A homofonia somente existe do ponto de vista de um sujeito que reconhece entre duas «formas-sentidos» uma identidade fônica.

À primeira vista (numa primeira abordagem/enfoque), os sujeitos falantes têm consciência apenas dos signos linguísticos em um estado de língua: é isto que fundará a definição da linguística sincrônica nos dois últimos cursos de linguística geral. As figuras vocais são secundárias na consciência. Sua descoberta pelo sujeito falante – porque se pode imaginar um locutor descobrindo a homonímia de *Cher* e de *cher ami* – necessita de uma operação mental (Testenoire, 2018, p. 79, tradução nossa, grifo nosso).

Convém realçar que, nessa proposta, a homofonia não preexiste ao sistema linguístico, mas é reconhecida/produzida pelo falante por meio de uma operação mental, de uma atividade consciente e reflexiva. A homofonia seria, então, o reconhecimento, pelo falante, de uma identidade ou de uma semelhança entre figuras vocais, ou melhor, entre materialidades fônicas de signos linguísticos de um estado de língua, conforme apreendidos e usados pelo sujeito falante. As associações homofônicas advêm, então, de uma *consciência segunda* (atividade epilinguística, reflexiva do falante) que se produz sobre os signos

constitutivos de um estado de língua, podendo um falante passar toda sua vida sem reconhecer, por exemplo, a identidade sonora entre *Cher* e *cher ami*, em francês<sup>5</sup>.

Testenoire (2018) indica, portanto, um (aparente) paradoxo, isto é, de um lado, tem-se a inexistência da figura vocal do ponto de vista do linguista ou do falante – conforme foi colocado pelo próprio Saussure (2004) – e, de outro, tem-se a sua presença na escuta do falante, como condição para constituir a homofonia: “[...] Ainda que tenha colocado, na *L’Essence double*, a não-existência linguística da figura vocal para o sujeito falante, ele determina aqui sua existência para o sujeito desenvolvendo uma abordagem reflexiva da língua” (Testenoire, 2018, p. 80).

Um outro paradoxo se situa no seio da própria teoria linguística saussuriana, no que concerne a um dos grupos associativos propostos pelo linguista genebrino. Lembremos que, para ele, grupos associativos podem se formar em função da forma ou do sentido: *enseigner* (ensinar), *enseigne* (ensina), *enseignement* (ensino); outros, entretanto, somente podem ser formados sobre a comunidade de sentido: *l’enseignement* (o ensino), *l’apprentissage* (a aprendizagem), *l’éducation* (a educação); e outros, ainda, na simples comunidade de imagens acústicas: *enseignement* (ensino/ensinamento), *élément* (elemento), *lent* (lento).

Importa destacar que a constituição desse último grupo decorre apenas do caráter fônico/substancial dos termos em questão, rompendo, assim, a relação entre significante e significado, ao mesmo tempo em que dilui os limites dos significantes em suas relações sistêmicas/diferenciais, aproximando-os em virtude de uma equivocidade homofônica.

Pelo que foi posto, deduzimos que, embora Saussure (1989) tenha se referido ao critério de formação do grupo em foco como sendo a *comunidade de imagens acústicas*, poderíamos substituir a expressão *imagens acústicas* por *figuras vocais*, levando em conta a discussão anterior em torno dessas últimas.

O paradoxo implicado nesse grupo pode ser, então, enunciado: a figura vocal com seu caráter de homofonia ocupa uma posição de exterioridade em relação ao sistema linguístico. No entanto, ao mesmo tempo, está contida nesse sistema, constituindo um de seus grupos associativos.

Indagamos, então, se esses paradoxos não estariam apontando para a impossibilidade de separação entre interno e externo à língua, pois o que deveria estar fora do sistema linguístico – a questão da equivocidade homofônica – cai no âmbito tanto do linguista quanto do falante.

Sem desprezar esses paradoxos, podemos propor que o caráter predominante de homofonia na palavra-tema nos leva a aproximá-la da concepção de figura vocal. No entanto, interrogamos se haveria um recobrimento no que concerne aos dois casos. Nessa perspectiva, assumimos que a relação entre a palavra-tema e o verso – ou o enunciado de qualquer texto – no anagrama saussuriano leva mais adiante a noção de figura vocal saussuriana porque, ao romper os limites do significante, essa relação rompe, em última

---

<sup>5</sup> Exemplo de Saussure (2004): *Cher* (nome de uma cidade francesa) e *cher ami* (caro amigo).

análise, os limites da língua, isto é, dá especial visibilidade ao fato de que as relações homofônicas entre palavras estão dentro e fora da língua. Colocando em outros termos, a escuta do anagrama sob cadeias de significantes, ou melhor, a escuta das relações homofônicas entre as palavras do verso e a palavra-tema, ao diluir essas cadeias, compromete os dois princípios constitutivos da língua: a arbitrariedade e o diferencial. Todavia, não podemos assumir que essa relação anagramática é exterior à língua, uma vez que, conforme foi visto, ela é escutada nas rupturas que provoca no diferencial da língua, na quebra dos limites do significante. Assim, a relação homofônico-anagramática – relação em profundidade – se localiza, simultaneamente, dentro e fora da língua que, por essa via, é estendida para além de seus limites. Em suma, os paradoxos referidos seriam a expressão mais convincente da impossibilidade de uma separação rigorosa entre externo e interno à língua.

### *O estatuto da palavra na poesia concreta*

Entre os traços da poesia concreta enumerados por Campos, A. (1987, p. 50-51), recortaremos os três que dizem respeito mais diretamente ao estatuto da palavra nessa manifestação poética:

- o poeta concreto não volta a face às palavras, não lhes lança olhares oblíquos: vai direto ao seu centro, para viver e vivificar a sua facticidade.
- o poeta concreto vê a palavra em si mesma – campo magnético de possibilidades – como um objeto dinâmico, uma célula viva, um organismo completo com propriedades psico-físico-químicas, tacto antenas circulação coração: viva.
- POESIA CONCRETA: TENSÃO DE PALAVRAS-COISAS NO ESPAÇO-TEMPO (Campos, A., 1987, p. 50-51).

A proposição em caixa alta encerra a lista de traços proposta pelo autor, concentrando, ao que parece, o que se pode dizer sobre o lugar ocupado pela palavra na poesia concreta.

Fazendo referência à distinção sartriana entre signo e coisa, Campos, A. (1987) afirma que, na perspectiva daquele filósofo, a prosa se diferencia da poesia pelo fato de que, para a primeira, as palavras são signos, enquanto que, para a segunda, são coisas. Não obstante, o poeta leva mais adiante essa distinção sartriana ao afirmar que: “[...] aqui essa distinção de ordem genérica se transporta a um estágio mais agudo e literal, eis que os *poemas concretos* caracterizar-se-iam por uma estruturação ótico-sonora irreversível e funcional, e, por assim dizer, geradora da ideia [...]” (1987, p. 40).

Desse modo, *as palavras são objetos autônomos*. A palavra *jarro*, por exemplo, concebida como coisa, não representa o objeto jarro, embora o designe; trata-se, portanto, do *jarro do jarro*, isto é, da *coisa da coisa*, assim como, em Baudelaire, *o mar dentro do mar*. “Desta forma, realiza-se a síntese crítica, isomórfica, da relação palavra-objeto: ‘jarro’ é a

palavra jarro e jarro mesmo, isto é, enquanto conteúdo, isto é, enquanto objeto designado”. (Pignatari, 1987a, p. 69).

Mais especificamente, nesse movimento poético, a palavra “não apresenta o objeto, mas o presentifica” (Campos, H., 1987a, p. 52); ela é desintegrada e reintegrada, produzindo outras palavras. Com fundamento em Campos, A. (1987, p. 51), realçamos que ocorre, na superfície do verso, uma tensão, algo como um choque de palavras que se desarticulam e se rearticulam de diferentes maneiras, o que produz outras palavras, tendo como eixos a semelhança fônica, a localização e distribuição no espaço. Assim, temos as dimensões verbal, vocal e visual, simultaneamente presentes nesse movimento; a fim de expressar essa simultaneidade concreta, o poeta toma emprestada de Joyce (*apud* Campos, A., 1987, p. 40) a palavra *verbivocovisual*. Relembrando Jakobson (1971), diríamos que a marca da função poética, isto é, a dimensão concreta da mensagem vem à tona, de modo especialmente acentuado, na poesia concreta. Assim, nesse tipo de criação poética, além da especial visibilidade de recursos como aliterações, ressonâncias, paranomásias, paralelismos, repetições, inversões e superposições, destaca-se o uso simultâneo das dimensões sonora e espacial, como fica visível no poema *Nascemorre* de Campos, H. (1987b, p. 62):

```
se
nasce
morre nasce
morre nasce
morre nasce morre
renasce remorre renasce
remorre renasce
remorre
re
re
desnasce
desmorre desnasce
desmorre desnasce desmorre
nascemorrenasce
morrenasce
morre
se
```

Conforme se pode apreender nesse poema, a tensão, o choque entre *nasce* e *morre*, dilui as fronteiras que separam essas palavras à medida que elas ou suas partes reaparecem em outras palavras, em um movimento contínuo de decomposição-recomposição (*se, re, renasce, remorre, desnasce, desmorre, nascemorrenasce, nascemorre*), produzindo um efeito de indissociabilidade entre nascimento e finitude.

Desse modo, rompem-se os limites da palavra, conforme foi colocado em relação aos anagramas saussurianos. No entanto, na poesia concreta, esses limites são rompidos tanto pela impressão acústica das palavras como por sua localização e pelo espaço vazio/em branco da página, como mostra o exemplo dado.

Assim, na poesia concreta, a palavra, em sua dimensão de concretude, de substancialidade – isto é, na sua dimensão de *coisa* – provoca uma ruptura na sistematicidade da língua. Dizendo de outro modo, a palavra-coisa, em seu caráter

*verbifonovisual*, rompe as amarras que prendem o poeta ou o leitor à sistematicidade da língua, à medida que eles conseguem se libertar dos “liames lógicos da linguagem” (Pignatari, 1987b, p. 47). Em outros termos, a palavra-coisa, na poesia concreta, traz à tona, de modo incontornável, a dimensão substancial, concreta, fono-visual em sua dominância sobre o caráter sistêmico, formal e abstrato da língua.

### Considerações finais

Pelo que foi posto antes, tanto a palavra-tema do anagrama saussuriano como a palavra-coisa da poesia concreta se aproximam entre si – aproximando-se da noção de figura vocal – pela marca de homofonia, ou melhor, de equivocidade homofônica, podendo designar um objeto. Ainda, conforme já discutido, essa marca aproxima palavras, não por suas diferenças ou oposição, mas por suas semelhanças fônicas. Dizendo de outro modo, nos dois casos, a dimensão de semelhança é dominante em relação à diferença, significando, porém, que as duas dimensões não se anulam ou não se excluem, posto que, em ambas, a semelhança aparece na diferença, ou melhor, emerge nas rupturas das relações opositivas, negativas, diferenciais que caracterizam o sistema da língua.

No entanto, lembremos que o caráter substancial da palavra tanto aproxima como afasta palavra-tema e palavra-coisa. Nesse sentido, um ponto de afastamento salta aos olhos, uma vez que, na poesia concreta, a palavra tem caráter verbifonovisual, ou seja, a figura visual entra de forma tão determinante quanto a dimensão vocal, o que não ocorre em relação ao anagrama que, “ao invés de se referir ao arranjo espacial das letras, refere-se aos fonemas [...]” (Starobinski, 1974, p. 34).

Assim, a palavra concebida como objeto, nos dois casos, transpõe os limites do significante, ou melhor, rompe os limites do sistema da língua. Entretanto, essa ruptura ocorre de diferentes modos, segundo a especificidade de cada um deles.

De acordo com essa especificidade, a palavra-coisa da poesia concreta rompe os limites do significante na linearidade superficial do verso, enquanto que a palavra-tema quebra tais limites na verticalidade – entendida como profundidade – de sua relação com o verso. Na poesia concreta, os limites da palavra são transpostas em todas as direções – horizontal, vertical, diagonal etc –, restringindo-se, porém, à superfície do poema. Devemos lembrar que o espaço da página e a distribuição das palavras no espaço são tão decisivos, nesse tipo de manifestação poética, quanto a homofonia, sendo excluída, porém, a dimensão de profundidade. Em outras palavras, na poesia concreta, a linearidade do significante é rompida na própria linearidade das palavras do verso, qualquer que seja a disposição linear dessas palavras, enquanto que, nos anagramas, a linearidade do significante é quebrada na verticalidade/profundidade que relaciona a palavra-tema aos significantes do verso.

A fim de abordar outro ponto de afastamento entre, recorreremos ao princípio lógico do terceiro excluído, referido por Milner (2012), em relação à análise linguística. Nessa

análise, uma unidade linguística ou está presente (na) ou está ausente da cadeia, não admitindo, entre esses polos opostos, uma terceira possibilidade, o que configura o princípio lógico do terceiro excluído. Segundo o autor, o anagrama quebra esse princípio lógico, posto que a palavra-tema está, ao mesmo tempo, presente e ausente no verso.

[...] – de modo ainda mais geral, o anagrama afronta o próprio princípio de todas as descrições linguísticas ou gramaticais: quaisquer que sejam seus métodos, estes supõem o terceiro excluído – duas unidades ou são totalmente distintas, ou se imiscuem totalmente; uma unidade ou está presente em uma sequência ou está ausente (Milner, 2012, p. 87).

No que diz respeito à poesia concreta, entretanto, não se poderia falar em ausência da palavra – nem mesmo por meio de uma relação de cópula com o polo oposto (*presença-ausência*) – à medida que ela se faz presente em ato, ou seja, trata-se de uma *presença em ato*. Ocorre, nesse caso, um efeito de tensão ou de *choque* entre as palavras *in presentia* nos versos do poema, não fazendo sentido, portanto, focalizar palavras *in absentia*, ou melhor, “palavras sob palavras”, expressão paradigmática dos anagramas saussurianos que dá título ao livro de Starobinski (1974).

Podemos supor, então, que a diferença entre as duas manifestações poéticas quanto a esse aspecto estaria no fato de que, nos anagramas, a quebra de limites entre as palavras, em virtude da equivocidade homofônica, convoca a dimensão vertical do texto, sua dimensão de profundidade em relação à sua inscrição na superfície, enquanto que, na poesia concreta, essa ruptura estaria confinada às relações substanciais entre as palavras, na superfície do poema.

Para finalizar este artigo, podemos dizer que as colocações sobre a palavra-coisa na Poesia Concreta lançou luz sobre a dimensão concreta dos anagramas saussurianos, sobretudo no que diz respeito à questão da ruptura dos limites da palavra: primeiro porque o prolongamento/desdobramento ao mesmo tempo fônico e visual de uma palavra em outras palavras foi mostrado na superfície do verso, o que torna mais visível a mencionada ruptura; e segundo porque, ao acrescentar à dimensão fônica da palavra, sua dimensão visual atribuiu maior força a seu caráter de concretude concebido como operador que conduz a língua para além de suas amarras sistêmicas.

Em última análise, na suposta relação dicotômica (*exterior vs. interior*), veio à tona uma terceira possibilidade, colocando em questão o princípio do terceiro excluído, um dos pilares que sustentam o edifício da lógica clássica/aristotélica.

Como consequência desses argumentos, assumimos, também, que foi lançada luz sobre a impossibilidade de se separar, com nitidez, língua e anagrama na perspectiva saussuriana – respeitando-se, entretanto, as diferenças cruciais entre os dois – à medida que a palavra-tema, ao romper os limites do significante, estaria dentro e fora da língua. Terminamos, então, este artigo com as palavras de Milner (2012, p. 89): “O anagrama revela-se, portanto, ambíguo: por um lado, ele diz da pertença da homofonia à língua como sendo objeto da linguística, mas, por outro lado, diz do seu inassimilável”.

## Referências

- ARRIVÉ, M. *À la recherche de Ferdinand de Saussure*. Paris: Presses Universitaire de France, 2007.
- BRAVO, F. *Anagrammes*. Sur une hypothèse de Ferdinand de Saussure. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011.
- CAMPOS, A. Poesia concreta. In: CAMPOS, A.; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. (Eds.). *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 50-51.
- CAMPOS, H. A evolução de formas: poesia concreta. In: CAMPOS, A.; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. (Eds.). *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. São Paulo: Brasiliense, 1987b. p. 61-62.
- CAMPOS, H. O poeta da linguística. In: JAKOBSON, R. *Linguística, Poética, Cinema*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. p. 183-193.
- CAMPOS, H. Olho por olho a olho nu. In: CAMPOS, A.; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. (Eds.). *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. São Paulo: Brasiliense, 1987a. p. 52-54.
- JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 118-162.
- MILNER, J. C. *O amor da língua*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.
- PIGNATARI, D. Nova poesia concreta. In: CAMPOS, A.; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. (Eds.). *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. São Paulo: Brasiliense, 1987b. p. 47-51.
- PIGNATARI, D. Poesia Concreta: pequena marcação histórico-formal. In: CAMPOS, A.; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. (Eds.). *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. São Paulo: Brasiliense, 1987a. p. 74-83.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.
- SAUSSURE, F. *Escritos de linguística Geral*. BOUQUET, S.; ENGLER, R. (Orgs.). São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- SOUZA, M. O. Anagramas de Saussure: formas ou substâncias? In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E DE LINGUÍSTICA (SILEL), v. 2, n. 2, 2011, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 1-17.
- STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- TESTENOIRE, P-Y. *Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes*. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2013.
- TESTENOIRE, P-Y. Jeu de mots, jeu phonique et anagramme dans la réflexion linguistique de Saussure. In: FULL, B.; LECOLLE, M. (Eds.). *Jeux de mots et créativité : langue(s), discours et littérature*. (The Dynamics of Wordplay, 4.) Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2018. p. 69-96.

TESTENOIRE, P-Y. Les anagrammes de Saussure après un demi-siècle. *Studi italiani di linguistica teorica e applicata*, v. 48, n. 2, p. 261-276, 2019.

TESTENOIRE, P-Y. *Sur quelques changements terminologiques dans les cahiers d'anagrammes*. Paris, 2009. p. 1-3.

WUNDERLI, P. Saussure's anagrams and the analysis of literary texts. In: SANDERS, C. (Ed.). *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 174-185.

Recebido em: 10/04/2023.

Aceito em: 08/07/2023.